

Roda de Diálogos: A Extensão e a Iniciação Científica como espaços de aprendizagem

*A Prática Clínica Musicoterápica
Enquanto Extensão e a Iniciação Científica
Da Graduação aos Consultórios Particulares*

Noemi Lang¹

Introdução

Há quase 10 anos como docente em um curso de graduação e a três anos em cursos de pós-graduação em Musicoterapia em Ribeirão Preto e pelo Brasil afora, tenho encontrado diferentes trabalhos e práticas clínicas entre os alunos e colegas musicoterapeutas. Há os que trabalham objetivando exclusivamente o desenvolvimento da musicalidade de seus pacientes/clientes, e aqueles que consideram aspectos psicodinâmicos envolvidos. Isto torna a prática clínica em Musicoterapia muito rica e abrangente, o que, aliás, antigamente causava certo “desconforto” entre os profissionais, hoje graças ao amadurecimento da classe, pode ser considerado oportunidades terapêuticas profundas de transformação. Bruscia (1991 e 1998), destaca a diferença entre processos de transformações daqueles expressivos, propriamente ditos. Priestley (1994), enfatiza o processo entre o cliente, sua música e a música do terapeuta. Permitir que os usuários da musicoterapia elaborem insights através das experiências musicais é o que torna o fazer musicoterápico a razão de nossa profissão (Barcellos, 1999). Como já disse e cantou Milton Nascimento, *“há canções e há momentos que eu não sei como explicar, em que a voz é um instrumento que eu não posso controlar... eu só sei que há momentos que se casam com canções, de fazer tal casamento, vive a minha profissão”*. Temos muito o que avançar e pesquisar em nossa área. Afinal, as teorias e abordagens terapêuticas existentes pesquisam até hoje uma melhor estratégia, melhores métodos de intervenções terapêuticas, refazem seus conceitos e reformulam suas teorias constantemente. E nós, musicoterapeutas? Por onde estamos fazendo nossas pesquisas, por onde temos avançados em nossas teorias e técnicas musicoterápicas? A meu ver o local privilegiado são as universidades e faculdades existentes. Porém, temos que continuar semeando e formando “mentalidades científicas” na área.

Bruscia (2000), salienta a prática investigativa como necessária para o avanço da área. Toda ciência se faz através da prática e teorização de seu saber. Constantemente devem ser checadas e reanalisadas. Apesar das dificuldades citadas, as pesquisas em Musicoterapia seguem modelos de pesquisas qualitativas e quantitativas. Jornais, revistas científicas, sites de busca e acesso a artigos científicos estão ganhando força e terreno. Um site muito conhecido e indicado pelos professores doutores pela Faculdade Paulista de Medicina é www.bireme.com/ onde encontra-se alguns artigos de pesquisas em nossa área. O interessante é também notar a quantidade de pesquisas em música ou psicologia que começam a utilizar conceitos da Musicoterapia, no mesmo site. Isto é sinal que estamos sendo reconhecidos nos meios acadêmicos.

O Aluno pesquisador

¹ noemilang@hotmail.com

Os discentes ingressam nas graduações ou pós com objetivos bastante claros e definidos: *a prática clínica*. Por enquanto não temos ainda uma cultura acadêmica de pesquisa. Falo enquanto docente e coordenadora de uma graduação em uma instituição particular. Porém, nos cursos existentes em universidades do governo isto vem mudando ao longo dos anos de existência da musicoterapia brasileira. O aluno, na verdade, busca com seus estudos atingir o mercado de trabalho, pura e simplesmente. Pesquisar na área enfrenta dificuldades não apenas administrativas bem como as que se referem à disponibilidade do aluno pesquisador. As dificuldades administrativas referem-se às horas pagas ao professor pesquisador, ao tempo que deve durar a pesquisa, aos equipamentos e /ou laboratórios necessários, que nem sempre são prioridades às instituições. E em relação aos alunos os procedimentos sistemáticos necessários que toda pesquisa demanda, são vistos por muitos deles, ao menos aqueles que mantenho contatos, como sendo extremamente difíceis e inatingíveis. Comitês de ética, projetos de pesquisas com metodologia específica, hipóteses, objetivos, procedimentos, etc... demandam do aluno da musicoterapia conhecimentos que não se diferenciam em nada que qualquer outra área do saber. O problema, muitas vezes, é o perfil dos nossos alunos, são *mais artistas* do que pesquisadores. Ou seja, tocar junto com seus pacientes/clientes é muito mais atrativo do que seguir protocolos de pesquisadores, controlando as variáveis, medindo e analisando resultados.

Há mais de 5 anos, na universidade de Ribeirão Preto, adotamos a prática de produção de monografias de conclusão de curso. Esta está sendo uma experiência muito rica para todos os envolvidos: alunos pesquisadores e seus orientadores e bancas examinadoras. Através desta prática acadêmica temos conseguido formar o que estou chamando aqui de “mentalidades científicas”. Normalmente os alunos optam por estudos de caso, envolvendo, desde os procedimentos clínicos estabelecidos pela faculdade: entrevistas iniciais, testificações, tratamento em si, relatórios semanais, etc.. até leituras prévias sobre a patologia e caso clínico, supervisões semanais, e a própria prática clínica. O aluno finaliza seus atendimentos com uma visão mais científica do caso, torna-se capaz de discutir e defender suas idéias clínicas diante da banca examinadora, que na maioria das vezes possui um profissional, não musicoterapeuta, de outra área do saber.

O profissional convidado, este que frequentemente pertence a outra classe de trabalhadores, por sua vez, tem participado de maneira satisfatória e intrigante, na maioria das vezes. Explico-me, normalmente são convidados pelo aluno para que possam opinar sobre o trabalho realizado como especialistas em suas diferentes áreas. O que vem ocorrendo na universidade de Ribeirão Preto é que, tais convidados saem completamente surpreendidos pelo fazer musical enquanto instrumento de transformação e cura. O aluno se vê diante de um profissional que desconhecia, na maior parte do tempo, a musicoterapia. Sente-se valorizado e muitas vezes vê oportunidades de continuação de seus estudos ingressando em especializações, mestrados e doutorados.

Outro obstáculo interessante, como ressalta Mendonza (2000), é a postura do pesquisador, a qual difere da postura do clínico. O primeiro possui um objetivo claro a seguir e existe um tempo previsto para a realização dos procedimentos estabelecidos, já o segundo, de acordo com a linha de trabalho, se preocupa pelo processo em si e não pelos resultados e dados obtidos. Quer dizer, os resultados obtidos serão material para o pesquisador, o que nem sempre será ao clínico.

Da pesquisa à Clínica

Enquanto clínica meu maior objetivo é ser um instrumento, um veículo de contato e aproximação entre meu paciente e seu interior. As experiências musicais são usadas, na maioria das vezes como projeção de seus conflitos, medos, esperanças, alegrias, etc. Outras vezes provocam extravazamento, catarses surpreendentes, que serão em seguida elaboradas ou não. A experiência musical faz parte do contrato terapêutico. Porém, o que se foca é a demanda e as necessidades do paciente/cliente. Neste sentido, focamos o processo musicoterápico de criatividade ou plasticidade psíquica (Lang, 1997 e Bush, 1995). As transformações na música do sujeito e nele próprio nem sempre são evidentes e isto dificulta considerá-las como dados quantitativos de pesquisas. É quando o pesquisador deve pensar em aspectos qualitativos nestes casos, ou seja, o que denominamos um “estudo de caso”.

Aspectos quantitativos contribuem com a clínica em vários sentidos. Podemos inferir conceitos e teorias a partir dos resultados obtidos, exemplo muito fresco disto é o recém - lançado livro da equipe ICMus da Argentina que acaba de finalizar a *Contribuição do Psicossomático*, uma pesquisa que teve a participação de muitas musicoterapeutas, inclusive brasileiros, durante muitos anos de aplicação prática de protocolos pré-estabelecidos e estudos e teóricos. Temos em mãos um material científico que possibilitará a elaboração de muitas teorias próprias da Musicoterapia referentes aos vínculos sonoros estabelecidos por pessoas adultas, por exemplo, ou ainda pistas de intervenção musicoterápica no fazer musical do musicoterapeuta.

Creio que estamos cada vez mais conscientes da real necessidade da pesquisa em nossa área. Necessitamos de mais publicações para permitir o avanço da Musicoterapia enquanto ciência.

Bibliografia

- BARCELLOS, Lia Rejane – *Musicoterapia - Transferência, Contratransferência e Resistência*, Rio de Janeiro, Enelivros, 1999.
- BRUSCIA, Kenneth - *Case studies in music therapy*, Edição, Phoenixville, Barcelona Publishers, 1991
- BRUSCIA, Kenneth - *Definindo musicoterapia*, Edição 2. ed. - Rio de Janeiro Enelivros 2000.
- BRUSCIA, Kenneth – *The Dynamics Of Music Psychotherapy*, Barcelona Publishers, 1998.
- BUSH, Carol - *A Musica e a terapia das imagens caminhos para o eu interior*, Edição São Paulo Cultrix, 1995.
- PRIESTLEY, Mary - *Essays on analytical music therapy*, Edição, Phoenixville, Barcelona Publishers c1994.
- LANG, Noemi, - *Dissertação de Mestrado, - Autismo e Musicoterapia, Uma Proposta de Comunicação*, 1997 – Sorbonne Paris V;
- MENDONZA, Cláudia. – *ICMUS – Investigação em Musicoterapia Clínica*, 2002.

Clínica de musicoterapia da Universidade de Rib. Preto – Unaerp, 1994 a 2006.

www.bireme.com/